

A descendência do homem, por Carlos Darwin -- Mouliné, secretario do

Instituto de Genebra, publicou recentemente uma tradução deste ultimo trabalho de Darwin.

Este livro é em continuação ás suas duas primeiras obras: -- *A origem da especie por meio da selecção natural, e a variação dos animaes e das plantas por meio da domesticação*. Naturalmente, depois dos animaes, era necessario que se tratasse do homem, e o celebre naturalista ingles desenvolveu este argumento com as suas eminentes qualidades d'observador e com a sua profunda erudição. Segundo as theorias do autor, os organismos tem necessidade d'um dado periodo de tempo para completar a sua evolução; mas sendo admittido que todos os vertebrados tem origem commum, erê ser facil sustentar que o homem deve soffrer a lei geral, e ter uma genealogia bem definida na escala dos seres. Não obstante esta prudente precaução, tememos que a theoria de Darwin encontre não poucos oppositores.

O problema a resolver tem na verdade limites perfeitamente definidos. O estudo dos extractos terrestres tem revelado, com signaes materiaes nas varias idades geologicas, a existencia d'animaes muito diversos daquelles que hoje povoam a terra.

Deste facto diman a consequencia que o nosso globo tem sido successivamente habitado por seres de distinctas especies. Mas, na origem das cousas, houve creação unica, para operar de modo que os generos creados esperassem, para desenvolverem-se, o periodo genealogico? ou houve sempre uma creação para cada evolução do globo? ou finalmente os animaes e as plantas, grosseiros nas primeiras epochas, tem-se com o tempo modificado, aperfeiçoado e ajustada a sua nova condição d'existencia? Em uma palavra, as ultimas especies apparecidas, derivam ou não das primeiras?

A doutrina da unidade da especie tinha já sido adoptada como uma verdade absoluta, e tem todavia apaixonados defensores. No principio deste seculo Lamarck negou absolutamente a permanencia dos typos organicos, julgando demonstrar que a sua incessante e continua mutação fosse uma lei fundamental da natureza. Assim explicou facilmente o facto do accommodar-se das especies ao seu meio, a complicação sempre crescente dos seres, e especialmente a evolução e a disposição da serie organica.

Sem duvida o principio era bom, mas o instrumento modificador indicado era sufficiente. Lamarck invocava como unica causa da modificação dos seres o *imperio das circumstancias* e a *influencia dos habitos*. Os seotarios da unidade da especie abraçaram unicamente o habito, como uma segunda natureza, deixando de lado

a acção das circumstancias e assim combateram e venceram o novador imprudente. Em seu favor fallava a doutrina das revoluções do globo, testemunho Cuvier que no seu celebre escripto tinha declarado que nenhuma revolução geologica tinha sido acompanhada da destruição subitanea das especies antigas, e da creação tambem repentina das especies novas. De maneira que a permanencia das especies foi estabelecida como um dogma fundamental da historia natural.

Todavia, desde que Geoffroy de St. Hilaire descobriu a unidade de composição organica, reconhecendo que as phrases transitorias ao desenvolvimento embrionario de um animal reproduzem muitas vezes os estados que são permanentes em animaes que estão situados inferiormente na serie, se declarou sequaz das idéas da transformação, sustentando contra Cuvier a mutabilidade dos typos. St. Hilaire tomou habilmente de Lamarck a idéa da influencia do mundo ambiente, e visto que este meio variava com as evoluções do globo explicou as modificações das especies. Apesar disso Cuvier triumphou, chegando a fazer acceitar a idéa que a renovação fauna e da flora, depois das revoluções geologicas, era devida á intervenção intermittente da potencia creadora.

Em seguimento á transformação obteve novos sequazes. D'Halloy Neyserting, Schaffhansen, Herbert, Matthw, depois Rafinesque, Naudin e Decaisne, e finalmente nestes ultimos tempos o celebre zoologo Ricardo Owen.

Darwin admittiu como Lamarck e os outros naturalistas contemporaneos a transformação dos seres, mas delles se afastou quando trata-se dos meios empregados pela natureza para imprimir sobre cada uma especie a modificação individual. Toda a doutrina de Darwin se baseia não sobre o principio fundamental das transformações, mas sobre o instrumento modificador.

Segundo a sua theoria, não é já o meio agente de transformação, mas bem a *selecção natural*, a idéa fecunda que abriu á sciencia um vasto e novo campo de investigação.

Não pôde haver duvida que o mudar de habitos de um animal pôde reagir sobre os seus orgãos, fazendo desenvolver uns antes que outros; mas nada prova que semelhantes ligeiras modificações accidentaes possam transmitir-se pela herança. Entretanto é evidente que as variações subitas de um orgão na formação e no seu desenvolvimento fazem parte integrante do individuo, e não se transmitem hereditariamente. Com effeito se reconhece que um individuo não

assemelha-se em tudo aos seus parentes, mas delle diversifica em varias particularidades que oriam uma divergencia entre o primeiro e segundo typo.

Estas variações individuais, estas divergencias espontaneas, susceptiveis de transformarem-se, constituem, segundo Darwin, o ponto de todas as transformações.

Desta simples observação, o naturalista ingles tira consequencias imprevistas e da mais alta importancia.

As leis da reprodução fazendo nascer muitos individuos de um só, a população animal e vegetal se augmentaria ao infinito se não existisse uma causa de destruição perenne, um limite ao desenvolvimento. Se não fosse assim, uma só especie poderia a danno das outras apoderar-se do espaço e do sentimento.

É indispensavel pois que cada uma especie combata para conservar o seu posto e para viver. Dahi vem a necessidade de lutar sempre, luta universal, e eterna. Se um nasce, um outro deve morrer, segundo esta lei fatal. Darwin caracteriza este facto com a palavra *struggle for life*: a guerra para a existencia.

Desta trabalhada vida se deduz toda a nova doutrina da *selecção natural*.

Tornar-se-hia muito extenso e fóra de proposito seguir o autor em todas as investigações, analyses e suas consequencias; o seu livro é um daquelles que merecem ser lidos, relidos, e meditados na solidão, com a mente livre de qualquer idéa preconcebida. Elle leva até ao extremo limite do possivel o principio da selecção natural da descendencia do homem, e o discute com o seu immenso talento.

O homem é conformado sobre o mesmo typo geral de todos os outros mamíferos. Todos os ossos de seu esqueleto são comparaveis aos ossos correspondentes de um macaco, de um morcego ou de uma phoca. Porque, segundo Darwin, nós podiamos ser em origem--macaco, morcego ou phoca. Tal é o valor da lei da mutação. Por isso nas idades primitivas nós nadavamos no estado de peixe nas aguas do mar, e indagando-se com attenção, acharemos a cellula primitiva, o proto-organismo rudimental, do qual sahimos na origem dos tempos, sem suppor qual devia ser um dia a grandesa dos nossos destinos.

Lendo-se o livro de Darwin fica-se de tal sorte preso pela sua argumentação que na verdade não nos repugna de ter um macaco por avó.

Cervantes--Lê-se o seguinte n'um diario madrileno:

Faz hoje (23) 256 annos que o insigne e esca-recido autor do *D. Quichote*, Miguel Cervantes Saavedra, morreu em Madrid, cheio de achaques, velho e na miseria. O seu corpo foi depositado na igreja das feiras trinitarias, situada na rua de Lope de Vega, e, apesar de ter deixado de existir ha mais de dous seculos, ainda

ninguem o esqueceu; vive na memoria de todos, porque os genios como Cervantes são immortaes. As suas obras são conhecidas em todo o universo, e tem sido e serão admiradas por todas as gerações. O *D. Quichote* tem sido impresso 233 vezes nos seguintes idiomas: em hespanhol 108, em francez 44, em ingles 35, em italiano 9, em dinamarquez 2, em allemão 6, em hollandes 12, em portuguez 9 e em sueco 1.

O rei dos fundadores -- Encontramos em um diario estrangeiro a seguinte noticia:

Morreu ha dias em Rotterdam um individuo muito original, o major fundador e bebedor de cerveja que se tem conhecido até hoje. Os seus compatriotas e amigos chamava-lhe o *rei dos fundadores*. Possuidor de uma immensa fortuna adquirida no commercio de tabacos, e Sr. Van Klaes mandara construir proximo de Rotterdam um magnifico palacio, onde tinha um curioso museu, que todos os estrangeiros de distincção que passavam por aquella cidade iam visitar. N'este museu achava-se dispostos por ordem de nacionalidade e chronologica todos os modelos de cachimbos representando cabeças ou caricaturas de homens, animaes, flores, legumes, etc. O excellento Van Klaes gastará em vida sommas fabulosas para organizar esta exquisita colleção. Alguns dias antes de morrer, este homem excêntrico mandou chamar um tabellião seu amigo e grande fumador, e dictou-lhe o seu testamento nos seguintes termos:

« Quero que todos os fumadores da cidade sejam convidados para o meu enterro. Cada um d'elles receberá 10 libras de tabaco e dous cachimbos hollandeses, do ultimo modelo, onde serão gravados o meu nome, as minhas armas e a data do meu fallecimento. Todos os meus parentes, amigos e convidados para o meu enterro acompanharão o caixão até ao lugar do supremo repouso, tendo toda a cautella em não deixarem apagar os cachimbos que o meu mordomo porá á sua disposição. Chegadas ao cemiterio e concluida a cerimonia funebre, cada um d'elles lançará sobre o meu tumulo a cinza dos seus cachimbos. Os pobres do districto e dos arredores que se conformarem com as minhas ultimas vontades receberão no dia do aniversario do meu fallecimento 10 libras de tabaco e um cangirão de cerveja de boa qualidade. Pelo que me respeita pessoalmente, espero que o meu corpo será encerrado em um caixão de carvalho, forrado interiormente com a madeira das minhas velhas caixas de charutos havanos.